

O MITO DE TRISTÃO E ISOLDA EM IRACEMA DE JOSÉ DE ALENCAR

Leni Lourenço de Oliveira*

Tristão e Isolda e Iracema. Estas duas produções literárias mantêm entre si uma relação de intertextualidade. A segunda traz consigo as marcas da cultura da cortesia amorosa da primeira. Como bem assevera Laurent Jenny (1998, p. 8) comentando Harold Bloom: “o poeta sofre uma angústia de influência – verdadeiro complexo de Édipo do criador – que o levaria mitificar modelos que o seduzem, segundo múltiplas figuras”. Já para Arthur Netrovsky *A Angústia da Influência*, de Harold Bloom, é uma meditação prolongada sobre os padrões de apropriação, ou melhor, de desapropriação (*misprision*) entre poemas. A obra indianista alencariana apresenta, na sua contextualização esta “angústia de influência” de que fala Bloom. Trata-se de um reaproveitamento, de um “des-vio” do ideário do “amor cortês”, o qual sofre algumas transformações relativas a diacronicidade e à nova convenção e paradigma da escola literária vigente no século XIX: o romantismo brasileiro.

As duas obras se estruturam a partir da dicotomia amor proibido & paixão + infelicidade & destino. Ambas constituem-se por meio dos requintes da idealização. Nas duas narrativas o amor é concebido como agente de subversão, e a paixão é o entusiasmo da impossibilidade de o amor triunfar, é esta impossibilidade e exigência de administrabilidade do amor que parece dar vida a toda trama e fugacidade. Esta perspectiva ajudamos a penetrar no conteúdo da tópica literária do “amor cortês” para verificar como ela adentra em nosso movimento romântico, mais especificamente em *Iracema*, e de que forma Alencar se apropria dela para dar sentido próprio à sua obra indianista – obra que fascina por sua singularidade e pela carismática atuação da heroína no desdobramento da intriga amorosa.

No conflito da obra tristaniana, Isolda – heroína do episódio poético – após tomar o filtro, a poção mágica destinada ao futuro marido, o rei Marc, tio de Tristão, enfeitiçada pela magia da bebida, apaixonou-se pelo fiel barão-cavaleiro Tristão e se torna sua vassala amorosa; Tristão, por sua vez, também se transforma em seu vassalo amoroso. Em *Tristão e Isolda* há a morte do par romântico; em *Iracema* também é a influência de uma bebida mágica – o licor de jurema – que funciona como mola-propulsora para a deflagração do conflito central: foi a causa da descoroação do

título de guardião dos segredos da bebida de Tupã, que a heroína ostentava. Em *Iracema* há a morte da heroína que empresta o nome ao romance. As duas obras são marcadas pelo sinal da morte; a questão que vem à tona com maior profundidade é o problema da morte de dentro

e da morte de fora dos heróis e heroínas. Quanto a esse aspecto envolvendo a problemática da morte literária, voluntária, Denis de Rougemont (1998, pp. 35-36), referindo-se ao “Amor da Morte” em *O Amor e o Ocidente* faz as seguintes perguntas: “O obstáculo do qual falamos freqüentemente, e a criação do obstáculo pela paixão dos dois heróis (confundindo aqui seus efeitos com os da exigência romanesca e da expectativa do leitor) – este obstáculo seria apenas pretexto necessário ao progresso da paixão, ou estaria ligado de uma maneira muito mais profunda? Não seria o próprio objeto da paixão – se descermos ao fundo do mito?”

Nas duas obras a morte não é platônica tal qual ocorre na lírica trovadoresca: morre-se “realmente” – fisicamente – um pelo outro em decorrência das peripécias diversas. Analisando-se detidamente os autores dos dois textos, tão distantes no tempo e no espaço, e o apelo ao imagi-

*A vida é como uma aventura audaz
enfrentando toda a sorte de perigo,
no encalço de um objetivo quase sempre
inacessível ou acima da própria
condição humana*

nário subjacente, verifica-se que ambos recorrem ao mesmo fim decoroso no epílogo de seus escritos: a morte tem um caráter de nobreza, é capaz de superar todos os obstáculos. A vida é como uma aventura audaz enfrentando toda a sorte de perigo, no encaço de um objetivo quase sempre inacessível ou acima da própria condição humana. A configuração do sentimento amoroso, as condutas por ela inspirada, remetem à temática do amor cortesão – esta relação ideal aparece como verdadeiro objeto cultural e seus testemunhos são sempre de textos ditos literários.

Em *Tristão e Isolda* e em *Iracema* o amor – vínculo entre dois indivíduos – assegura a passagem da ordem natural à ordem poética, o sentimento implica uma afinidade espiritual pactuada entre os parceiros como eterna. Quando todos os anseios não consolidam a conjunção amorosa do ser enamorado, resta apenas para o eu-lírico, a

Sendo uma fixação pelo outro, por uma pessoa, uma idéia ou uma coisa, a paixão se distingue de outros sentimentos por sua força, sua intensidade, sua exclusividade

fuga da realidade – válvula de escape para a contenção do drama vivido. Nas duas obras a paixão pode ser definida como um sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se, por conseguinte, à lucidez e à razão. Sendo uma fixação pelo outro, por uma pessoa, uma idéia ou uma coisa, a paixão se distingue de outros sentimentos por sua força, sua intensidade, sua exclusividade. Assim, heróis e heroínas apaixonados prodigalizam todo tempo para não deixar de honrar seus compromissos amorosos – tópica do serviço de cortesia. O caráter passivo dos amantes apaixonados domina a própria vida, fazendo-a percorrer outros itinerários que, todavia, não percorreriam em estado de lucidez como demonstra Alencar e Bédier no enredo e desenlace da situação conflituosa entre os pares românticos.

A vassalagem amorosa em *Tristão e Isolda* carrega os traços distintivos da metáfora erótica enquanto que em *Iracema* ela é, a rigor, uma me-

táfora sexual. Nas duas obras há a busca e o uso dos prazeres como elementos indispensáveis à concretude do ato amoroso. Erotismo e sexualidade são as duas faces da mesma moeda, uma face está ligada indissolúvelmente à outra, por isso elas se completam; porém, restringindo a analogia para as relações entre um casal, cada face do jogo amoroso (revestido de maior ou menor carga do erotismo e da sexualidade) tem características peculiares. A sexualidade objetiva a reprodução, no entanto, esta reprodução não ocorre de modo aleatório: existem dispositivos de caráter político, econômico, jurídico e social que se empenham em controlá-la por meio de mecanismos reguladores. Sempre teve: na Antiguidade, por exemplo, as relações sexuais entre o marido e a esposa já constituíam um problema; já havia uma necessidade para interrogar o comportamento do marido, refletir sobre sua temperança, torná-lo um tema de preocupação moral. Um fato que ilustra bem esta preocupação moral é o modo machista de pensar do homem antigo como bem assinala Foucault: “As cortesãs, nós a temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todo o dia; as esposas, para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar” (Foucault: 1994, p. 129).

O relacionamento amoroso preenche funções psicológicas importantes. Por meio dele, o *eu* e o *outro* passam a conhecer as incertezas e os problemas que atingem o sexo oposto; por conseguinte, começam a conhecer melhor a si mesmos. Com o convívio definem a própria identidade, logo, o relacionamento ardente entre os dois em plena liberdade redentora cantará o amor e ambos se tornarão servos um do outro. Assim, em *Iracema* e em *Tristão e Isolda*, o amor nasce de uma ação involuntária que o livre arbítrio transforma em ação voluntária. Essa é uma condição necessária e ato que transforma a servidão em liberdade. Em *Iracema*, a heroína deixa de servir a Tupã para alcançar a liberdade de amar o guerreiro branco. Dir-se-ia que nesta evolução de idéias, na desobediência tribal, o amor surge como uma ameaça contra a serenidade da alma e, sobretudo, como um desafio à sociedade tribalística e suas leis: há nessa liberdade, que conduzirá a heroína pela escravidão da vassalagem amorosa, a busca de sua metade complementar. O mesmo pode-se dizer do par amoroso Tristão e Isolda. Em tudo isso está presente a questão da sexualidade e todos os dispositivos que a regulam por meio de discursos específicos.

A configuração de um sentimento amoro-

O relacionamento amoroso preenche funções psicológicas importantes. Por meio dele, o eu e o outro passam a conhecer as incertezas e os problemas que atingem o sexo oposto

so, as condutas que ela inspira, revela, ao mesmo tempo os sonhos eróticos e as tensões que a sociedade atravessa, de modo que os modelos imaginários e práticas sociais sofrem uma permanente evolução. As incitações aos discursos em torno da realidade das condutas afloram em todos os sentidos sobre o caminho do imaginário. Em torno da sexualidade, por exemplo, há uma verdadeira explosão discursiva; os padrões de longa duração, como é o caso da cultura da cortesia mostram-se sólidos e continuam a equacionar os sentimentos. O amor cortês e seus procedimentos de deliberação, conforme enfoca Duby em “A educação sentimental e o convívio tradicional”, pesam sobre os amantes do século XIX. A reflexão sobre a índole das paixões – a existência de duas naturezas sexuais: erotismo e sexualidade – e os perigos dos excessos psicológicos configuram as condutas amorosas.

Em suma, da mesma forma que nas relações de cortesia da Idade Média européia, a heroína da obra *Iracema*, encontra-se encastelada, à distância, em uma posição de defesa, sua declinação é a busca do não-real. Tanto Iracema quanto Isolda são arrebatadas pela mesma paixão, a qual é provocada pela presença ou imagem do objeto amado, é o motivo que as levam a assumir uma posição de passividade e dependência permanente do outro. Sob um ponto de vista aristotélico, o efeito desta paixão lesa seria a variação do juízo e de que seguem o sofrimento e o prazer: “Eros e Pathos”. Ambas fazem parte do amor e da morte, do desejo e do aniquilamento a razão do viver. Então, a dor, o sofrimento, a inquietude fazem com que as heroínas encarem o drama existencial sem medo. Para elas a vida é como uma luta renhida, tomada a consciência da morte e da precariedade do destino humano, não se acomodam com o fantasma da infelicidade; quanto mais indagam sobre a situação, mais se envolvem em um permanente círculo vicioso.

NOTAS

* Docente da Universidade de Santo Amaro – Unisa – e Rede Estadual de Ensino. Mestre em Comunicação e Letras e doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Ática, 1986.
- BÉDIER, Joseph. **O Romance Tristão e Isolda**. Tradução: Luís Cláudio de Castro Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DUBY, Georges. **Historia da vida privada: da Europa feudal a Renascença**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992a.
- FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- BLOOM, Harold. **A Angústia da Influência: uma teoria da poesia**. Tradução e apresentação de Arthur Netrovsky. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JENNY, Laurent. **Poétique: revista de teoria e análise literária**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- ROUGEMONT, Denis. **O Amor e o Ocidente**. Tradução: Paulo Brandi e Ethel B. Cacahpuz. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1998.